

Índios/Avá-Canoeiro

O recomeço de uma nação

Há três meses Putjawa veio ao mundo. Quase raquítica, pequenina mas de traços bem feitos, ela chegou consolidando não apenas a vida, mas a sobrevivência de uma nação. Putjawa é a primeira criança do sexo feminino a nascer entre os índios Avá-Canoeiro nos últimos 18 anos, desde que a nação optou pelo auto-extermínio, matando as crianças no ventre, fugindo de todos os homens da raça branca



Entre a Serra da Mesa e o rio Maranhão, vivem 14 Avá-Canoeiro. Outros 30 vagam pela região, sem contato com os brancos

Rachel Azeredo

O acesso à região, apesar de fácil, não possui contornos simplistas. Para quem está na capital do Estado, o ideal é um preparo prévio, a se considerar o acesso por terra, para uma viagem que envolve cerca de 600 km, por trechos nem sempre na linha ideal de conservação. Além desta aventura, há ainda que se subir um trecho do rio Maranhão (nascente do Tocantins), em canoa que já deve estar devidamente equipada com o combustível para a volta. E por lá, é preciso que o branco se adapte a condições nem sempre semelhantes às da cidade grande: redes para dormir, frio cortante pela madrugada e insetos em profusão noite adentro.

Mas o encontro com o grupo de 13 índios Avá-Canoeiro compensa. É um contato, não muito amistoso a princípio, mas que leva a uma nação antiga, vítima de toda sorte de injustiças, quase que dizimada em sua totalidade pelos brancos e que no entanto ainda permanece inocente. E é neste pequeno grupo que está Putjawa, uma indiazinha que agora entra na faixa dos três meses de vida, nascida a 11 de junho último, em meio ao cantar de pássaros e ao cheiro da mata, onde sua mãe se refugiou ao sentir as primeiras dores, fazendo pouco da sapiência dos brancos.

Putjawa, pesando pouco mais de cinco quilos neste terceiro mês de vida, representa atualmente a única promessa de futuro para o grupo de índios Avá-Canoeiro que aceitou o contato com o branco e se refugiou entre a serra da Mesa e o rio Maranhão, ao lado de um posto da Funai. Durante quase duas décadas, os Avá-Canoeiro fugiram dos brancos, após um massacre ocorrido em 1961, na fronteira com Minas Gerais. Divididos em pequenos grupos, evitaram todo e qualquer contato com a chamada "civilização", adotando por norma a interrupção deliberada de toda e qualquer gravidez.

O pai de Putjawa - Iawi -, com a mulher Thuya, e sogra e uma irmã - Matcha e Naquatcha, chegou ao local onde atualmente reside, na reserva de Serra da Mesa, em 1983, cansado das fugas e cercado não pelo branco e sim pela escassez de alimentos na região. Apesar do trauma de uma sucessão de massacres, onde os Avá-Canoeiro quase foram exterminados, Iawi aceitou o contato com o branco e em 1987 ele acabou por ser pai oficialmente pela primeira vez: Thuya deu à luz a Trumak, que chegou a ficar entre a vida e a morte por mais de seis meses. Trumak nasceu quebrando uma enorme barreira: a dos abortos provocados pelas mulheres da tribo, que durante 18 anos esmagaram no ventre todos os fetos possíveis, ou os eliminaram ingerindo um sem número de chás de raízes abortivas. A própria Thuya, mãe de Trumak, praticou pelo menos dois abortos antes de permitir o nascimento deste filho.

MUDANÇAS

Se o nascimento de Trumak provocou mudanças e o entusiasmo de representantes da Funai e de pesquisadores, a chegada de Putjawa, sua irmã, foi ainda mais comemorada. Afinal, sendo do sexo feminino, Putjawa garante a continuidade da raça e dá a certeza de que Trumak nasceu por desejo dos pais - Iawi e Thuya - e não por haver "escapulado" às práticas abortivas.

Nivon Carvalho, superintendente Regional da Funai em Goiás, conta que o último nascimento entre os Avá-Canoeiro ocorreu em 1973. "O nascimento da menina é importantíssimo a partir da comprovação de que a família está integrada, aceitando também o segundo filho. Para este grupo, o nascimento das duas crianças praticamente encerra o período das reações sistemáticas aos sinais de gravidez" - disse ele. Nivon ainda adianta que este grupo "está fixando raízes na Serra da Mesa". "Fizeram roça, colheram mais de

40 sacas de arroz na última safra, estão integrados e demonstram confiança em torno daqueles que os cercam, o que nos leva à certeza de que estão se fixando".

As mudanças ocorridas com o nascimento de Putjawa, sintomáticas, ainda causaram susto aos que assistem o grupo, ainda que de longe. No dia do nascimento da menina por exemplo, a mãe, Thuya, "fugiu" do posto médico onde se encontrava aguardando o nascimento da criança. Todos - médicos, enfermeiras e agentes da Funai -, entraram em pânico, acreditando que ela fugira para não ter a criança. "O fato assustou a todos e quase acionamos a polícia" - disse Nivon Carvalho. "Porém, algum tempo mais tarde, Thuya reapareceu, já com a criança. Ela apenas preferira seguir os ritos indígenas e fora dar à luz na mata, sem ter noção que aquele nascimento significava, na verdade, o ressurgimento de toda uma nação que quase fora exterminada".

Outras mudanças envolvem os Avá-Canoeiro. Além desta - positiva -, da interrupção de abortos sucessivos, há outras, agora, negativas. Os índios contactados pelos brancos estão perdendo sua real identidade cultural. Se vestem como brancos e estão quase que a esquecer o idioma natal. Os costumes se perdem e não há a tradição de se preservar a identidade pela cultura oral, entre os remanescentes da nação. Registros escritos do idioma não existem e a Funai até o momento não encontrou em todo o País uma pessoa sequer que conheça o idioma destes índios.

Mônica Pechincha, antropóloga que há dois anos tenta seguir a história e o comportamento dessa tribo, desde o nascimento de Trumak - que ela chegou a acompanhar no retorno ao grupo, após um período de meses de hospitalização em Goiânia, para melhor adaptação entre mãe e filho -, afirma que "o que está ocorrendo é um etnocídio". Esta perda de raízes culturais, de identidade enfim, pode ser sentida na linguagem. Palavras do idioma estão sendo trocadas por outras em português, configurando a fala quase que em confuso dialeto. Os índios deixam de lado o tronco lingüístico a que pertencem - o tupi-guarani -, sem se darem conta da descaracterização que impingem à própria vida. Não mais andam descalços pelas matas, cobrem o corpo com roupas de cores berrantes e têm os cabelos cortados como manda o figurino da moda branca: rentes, curtos.

Em meio a esse burburinho, a estas constatações, Putjawa contudo segue sua vida de bebê, paparicada por todos: índios e brancos. O pai, Iawi, desconfia deste excesso de mimos, mas afirma que ter filhos é bom. Nas desconflanças ele sabe que a vida está diferente e segue por ela, acreditando que suas duas crianças - esperanças de sobrevida de toda a nação -

provavelmente não serão caçados, guerreiros ou boas mulheres quando do preparo de um tatu à moda avá. Sinais de que a descaracterização chega ao conhecimento dos próprios índios, ainda que de forma indireta, ainda que sem causar preocupação. E tudo será ainda pior quando houver a inundação da região pelo reservatório da hidrelétrica de Serra da Mesa. Há sinais de que pelo menos três dezenas de Avá-Canoeiro perambulam pela região ainda sem contato. No entanto, por mais que busque, a Funai permanece sem recursos para montar uma expedição e o grupo remanescente poderá desaparecer sob as águas de um grande lago. Sem vestígios, sem marcas maiores que sensibilizem os brancos.

O pequeno Trumak, nos braços da mãe Thuya, com a tia Matcha a pequena Putjawa, o pai Iawi e a avó Naquatcha. Iawi é marido de todas



UMA VIDA POR UM FIO.

Uma pessoa desesperada pode até pôr fim à própria vida. Quando essa pessoa encontra um amigo disposto a ouvi-la, consegue buscar uma solução para os seus problemas. O CVV está procurando voluntários dispostos a dedicarem quatro horas e meia por semana para ouvir aqueles que estão desesperados. Plantonistas que utilizam o telefone para salvar vidas. Vidas que podem estar por um fio.

Faça o curso de plantonista do CVV.
Inscrição pelo tel.: 223-4041
Data do curso: 16 e 17 de setembro, a partir das 13 h
Local: Colégio Santo Agostinho
Endereço: Rua 55 esq. com Av. Contorno - Centro.

CVV
CVV - CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA